



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

I. Membros permanentes:

I.1. Estados Unidos da América

Em Novembro de 2002, os EUA conseguiram uma vitória diplomática quando o Conselho de Segurança da ONU aprovou por unanimidade a Resolução 1441¹ que determinava novas inspeções por armas de destruição em massa no Iraque, uma vez que o país não estava seguindo as resoluções impostas após o fim da Guerra do Golfo em 1991.

Durante as negociações da Resolução 1441 até fevereiro de 2003, a administração Bush manteve-se taxativa de que uma segunda resolução autorizando o uso da força não seria necessária. No entanto, devido à comoção da opinião pública internacional contra a guerra e as recorrentes críticas por parte do governo francês, alemão e russo sobre a guerra preventiva que os EUA estavam prestes a realizar, o governo americano decidiu pedir uma segunda Resolução da ONU que permitisse o uso da força contra Saddam Hussein.

Como justificativa, o governo estadunidense argumenta que há a presença de armas de destruição em massa no Iraque e que o país está na iminência da fabricação de um aparato nuclear, além de acreditar numa ligação entre Saddam Hussein e Osama Bin Laden; por fim, afirma que existe a possibilidade do presidente iraquiano repassar armas de destruição em massa para terroristas².

Além disso, o governo americano afirma que as violações aos Direitos Humanos no Iraque são graves, a exemplo dos diversos massacres contra curdos e xiitas que ocorreram dentro do país, muitos deles supostamente comandados por Hussein.

I.2. Federação Russa

¹ <http://unscr.com/en/resolutions/doc/1441>

² https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8064/8064_6.PDF



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

Desde o fim da Guerra do Golfo, os Estados Unidos e o Reino Unido lançavam ataques às defesas antiaéreas de Saddam para impor as zonas de exclusão aéreas³. Nesse contexto, a Rússia e a China condenaram as zonas como uma violação da soberania do Iraque, vistas pelo secretário geral da ONU e pelo ministro de relações exteriores da França como ilegais.

Tanto a Rússia quanto a França sempre deixaram clara a posição que tomavam contra uma ação militar direta para derrubar Saddam do poder, argumentando que tal intervenção poria em risco a segurança da comunidade internacional. O país vem insistindo que sejam tomadas todas as possibilidades para evitar uma ofensiva militar no Iraque, lançando propostas para a intensificação das inspeções de armas no país.

O governo russo não descarta totalmente o uso da força, uma vez que estão tentando manter suas boas relações com os Estados Unidos, mas justificam que só poderia ocorrer se fosse provado que o Iraque está desrespeitando a Resolução 1441, determinando que se desarme.

A Rússia foi também acusada, pelo Pentágono americano, de fornecer inteligência a Saddam Hussein no período da guerra⁴, entregando informações acerca do exército dos Estados Unidos. Entretanto, o Governo russo negou qualquer ajuda ao Governo de Hussein.

I.3. Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte

O Reino Unido desempenha um papel bastante incisivo nas questões relativas ao Oriente Médio e nas operações de paz da ONU, posicionando-se veementemente contra os métodos de grupos fundamentalistas. Desde a sua participação inicial na Guerra do Golfo, o país se dispõe a auxiliar a investigações e possíveis investidas de diversas formas, seja disponibilizando o serviço de sua inteligência, o famoso MI6, ou de suas forças aéreas e terrestres.

³ As zonas de exclusão aérea no Iraque foram um conjunto de duas zonas, proclamadas pelos Estados Unidos, pelo Reino Unido e pela França, depois da Guerra do Golfo, visando proteger as operações humanitárias no Iraque, os xiitas e os curdos, de ataques da Força Aérea iraquiana. Aviões iraquianos foram proibidos de voar dentro das zonas, e o Iraque não pode manter aviões, tanques nem outros armamentos. Aviões americanos e britânicos passaram a patrulhar regularmente essas áreas, muitas vezes atacando posições do exército iraquiano. https://pt.wikipedia.org/wiki/Zonas_de_exclusão_aérea_no_Iraque

⁴ *Russia denies Iraq secrets claim*: http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/4843394.stm



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

Dispõe de um assento permanente no Conselho de Segurança, ao lado de seu maior aliado na problemática, os Estados Unidos. O primeiro-ministro, Tony Blair, chegou inclusive a assegurar ao presidente George W. Bush que iria segui-lo "aconteça o que acontecer". O premier também alega que o regime de Saddam Hussein é capaz de realizar ações imprevisíveis e catastróficas por conta de seu suposto arsenal de armas de destruição em massa.

Além disso, o ministro crê que a invasão realizada no Afeganistão após o 11 de setembro de 2001 garantiu à expressão mudança de regime uma conotação positiva, beneficiando seu argumento em relação ao Iraque.

Por fim, o Reino Unido busca salvaguardar os direitos humanos de grupos como os curdos na região, processo historicamente apoiado por Winston Churchill, visto que a instabilidade regional não lhe é interessante.

I.4. República Francesa

Em 20 de janeiro 2003, o Ministro de Relações Exteriores Dominique de Villepin disse “Acreditamos que a intervenção militar seria a pior solução possível”, embora a França tenha crido que o Iraque podia ter um programa de armas químicas e nucleares em progresso. Villepin passou a dizer que acreditava que a presença de inspetores de armas das Nações Unidas havia congelado os programas de armas iraquianos. Outrossim, a França sugeriu que vetaria qualquer resolução que incluísse uma intervenção militar oferecida pelos Estados Unidos ou pelo Reino Unido.

O discurso francês mais importante durante a crise foi proferido por De Villepin no Conselho de Segurança em 14 de fevereiro de 2003, após Hans Blix ter apresentado seu relatório detalhado⁵. De Villepin detalhou os três maiores riscos de um “recurso prematuro à opção militar”, especialmente as “incalculáveis consequências para a estabilidade dessa região assustada e frágil”⁶.

⁵ <https://www.theguardian.com/world/2003/feb/14/iraq.unitednations1>

⁶ <https://books.google.com.br/books?id=GvgoCgAAQBAJ&pg=PA605&lpg=PA605&dq=incalculable+consequences+for+the+stability+of+this+scarred+and+fragile+region&source=bl&ots=DxvuncE-Qg&sig=mBhfRG4LUDxzt5SpcDsIDQx5H8I&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwil6vOYZI7SAhUqh1QKHVYYAI8Q6AEILjAD>



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

Ele disse que “a opção pela guerra pode parecer a mais rápida, mas nos deixa esquecer que, tendo vencido a guerra, alguém deveria reconstruir a paz”, ressaltando, assim, que os fatores econômicos ligados à reconstrução deveriam ser contabilizados. Além disso, enfatizou que “dado o presente estado de nossa pesquisa e inteligência, em conexão com nossos aliados”, as ligações alegadas entre a Al Qaeda e o regime de Bagdad explanadas por Colin Powell não estavam estabelecidas, duvidando de determinados argumentos apresentados por outras delegações. Ao fim, concluiu a se referir à experiência dramática do “velho continente” durante a Segunda Guerra⁷. Outrossim, a delegação francesa sempre compareceu ao Conselho de Segurança das Nações Unidas com interesses bem definidos e que devem ser levados em consideração.

I.5. República Popular da China

A China é um dos países, dentro do cinco países permanentes (P5), que buscam por uma solução pacífica para o conflito, alegando que uma invasão seria uma violação contra a soberania do País. Mas, mesmo assim, a China não demonstra um grande interesse na resolução, o que foi alvo de várias críticas entre a comunidade internacional.

Entretanto, existem interesses econômicos da China dentro do Iraque, principalmente no que se volta à exploração de petróleo na região, já que ela importa, aproximadamente, 40% do petróleo utilizado em seu território. Também é importante ressaltar que, aproximadamente, 40% dos produtos utilizados nos Estados Unidos são de origem chinesa.

Saindo do ponto de vista econômico, é necessário que se observe que os Estados Unidos possuem um grande poderio militar em uma extensa região do Oriente Médio, e uma aliança entre a China e os Estados Unidos irá a aumentar tal poder. A relutância da China reside no fato de que uma aliança com os Estados Unidos pode ampliar tal poder de fogo, algo que pode ser extremamente maléfico para as suas relações político-econômicas dentro da região do Oriente Médio, como, já supracitado, a questão de petróleo no Iraque.

⁷ https://en.wikisource.org/wiki/French_address_on_Iraq_at_the_UN_Security_Council



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

II. Membros eleitos:

II.1. Estados Unidos Mexicanos

O México, atualmente com assento no Conselho de Segurança, vem relutando em apoiar a posição linha dura do governo americano. Apesar de ser um país fronteiriço e grande parceiro comercial, o presidente Vicente Fox acredita que ainda é cedo para optar pela guerra. A oposição mexicana à política dos EUA para o Iraque vem desde 2002, quando o então chanceler Jorge Castañeda disse que as pressões americanas sobre seu país, para que aprovasse uma primeira resolução contra o governo iraquiano, ameaçavam a unidade do Conselho de Segurança. Além disso, o presidente mexicano vem tentando dialogar com o governo estadunidense acerca de uma maior receptividade e respeito aos imigrantes mexicanos nos Estados Unidos – muitos deles ilegais –, porém, não parece obter êxito, fato que contribui para a posição anti-guerra do país.

II.2. Reino da Espanha

No princípio de 2003, a Espanha, em conjunto com os Estados Unidos e o Reino Unido, propuseram a chamada 18ª. resolução, para dar ao Iraque um prazo para cumprir as resoluções anteriores e que seria aplicada pela ameaça de ação militar. Esta resolução foi subsequentemente retirada por falta de apoio no Conselho de Segurança das Nações Unidas. O governo espanhol, em sua tentativa de obter destaque internacional, se uniu às duas notórias delegações supracitadas no Conselho de Segurança, apoiando a iniciativa estadunidense de um conflito armado. Esses três países atualmente lideram a coalizão internacional para impor as resoluções do Conselho de Segurança ao Iraque, a partir de uma intervenção armada.

II.3. República Árabe da Síria



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

A Síria está localizada na Ásia Ocidental, fazendo fronteira com o Iraque, a leste. Sua independência foi conquistada como República Parlamentar em 1945, quando tornou-se membro fundador da ONU. A República Árabe da Síria surgiu apenas em 1961, governada pela família Assad desde 1970 até a atualidade. Bashar al-Assad assumiu o Governo, após seu pai, a partir de 2000 e se mantém no poder.

Durante a guerra, a Síria foi o único país Árabe a apoiar o Irã, contra o Iraque, e manteve sua posição oposta ao governo iraquiano durante a Guerra do Golfo.

No que tange especificamente à questão do Iraque, o Governo sírio acreditava que os iraquianos estavam, sim, cooperando e cumprindo suas obrigações sob as resoluções aprovadas pelas Nações Unidas. Além disso, buscavam a suspensão das severas sanções levantadas pela ONU ao Iraque.

II.4. República da Bulgária

A Bulgária parece ser o aliado mais firme dos EUA na então formação do Conselho de Segurança. Seu Governo ofereceu o uso de seu espaço e bases aéreas a aviões militares norte-americanos, e despachou tropas não combatentes especializadas em descontaminação química e biológica.

Dessa forma, o governo búlgaro é um dos dois membros não-permanentes do Conselho, junto à Espanha, que manifesta abertamente o apoio à posição estadunidense de que o Iraque está tentando enganar as Nações Unidas em relação ao seu porte de armas.

II.5. República da Guiné

Após conquistar sua independência da França em 1958, um forte sentimento de nacionalismo e repúdio à comunidade francesa ainda persistiram no país, governado posteriormente por uma longa ditadura de forte opressão política e intolerante aos direitos humanos.



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

Ao adotar uma política de isolamento, a Guiné não cultiva boas relações com países estrangeiros e, com o seu assento no Conselho de Segurança e direito ao voto, dificilmente adotaria uma conduta em prol de uma invasão contra o regime de Hussein.

II.6. República de Angola

Após 27 anos de Guerra Civil, com duração de 1975-2002, Angola busca se reerguer de uma vasta destruição territorial e violência contra o seu povo. Ao longo do conflito, grupos como a Frente Nacional de Libertação de Angola foram apoiados por países como Estados Unidos e China.

Todavia, com a vitória do Movimento Popular de Libertação de Angola, os esforços são para fazer o país seguir o curso normal que deve seguir um país com um sistema democrático, lutando pela liberdade de expressão, livre manifestação do povo e consolidação da democracia.

Por fim, Angola passa a buscar uma maior autonomia em relação ao seu passado, adotando uma postura de respeito aos direitos humanos e resoluções pacíficas para que violências do passado não voltem a se repetir.

II.7. República do Chile

O Chile sempre se manteve claro e franco quanto à possibilidade de participar de uma intervenção: “Sem uma Resolução do Conselho de Segurança, nunca iremos à guerra”. Desse modo, o país se negou a aceitar as condições da Coalizão Internacional, mantendo tal posição, apesar das relações tensas com os Estados Unidos e com a Grã-Bretanha e apesar do convite direto do Presidente George W. Bush ao Presidente Roberto Lagos para o acompanhamento à Coalizão⁸.

⁸ <http://www.ricardolagos.org/2016/07/11/chile-y-la-guerra-de-irak/>



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

Outrossim, a nação chilena cria veementemente que ainda havia espaço para negociar e para manobrar, de forma que esta foi sua explicação à Casa Branca. Destarte, indica-se favorável à continuidade das inspeções de forma específica para cada tipo de armamento, através de investigações, porém ainda não tomou posição quanto ao uso de forças militares no Iraque.

II.8. República dos Camarões

A República dos Camarões, assim como os outros dois países africanos membros temporários do Conselho de Segurança Guiné e Angola, encontra-se na fé da atualidade. Com a possibilidade de uma guerra contra o Iraque que se projeta em um horizonte próximo, o voto do país no Conselho traz uma importância particular. A República dos Camarões ainda aparenta hesitar entre favorável e contrário à intervenção militar em solo iraquiano.

“Camarões não pode carregar seu suporte às ambições americanas de dominar o resto do mundo. Nós somos contra a guerra e desejamos que o Iraque seja desarmado de forma pacífica. Hoje, o Iraque coopera com os inspetores das Nações Unidas e destrói suas armas. Portanto, deve-se dar uma chance ao país e mais tempo aos inspetores para fazer seu trabalho”, declarou um colaborador do Ministro de Relações estrangeiras camaronês, coberto pelo anonimato, à agência Reuters.⁹

II.9. República Federal da Alemanha

Desde o fim da segunda guerra mundial, onde a Alemanha disputou uma grande conquista territorial contra os Países Aliados, compostos pelos Estados Unidos, China, Grã-Bretanha, França e União Soviética, existe uma tensão que envolve a Alemanha e os Estados Unidos. Tal tensão voltou a ser notada, de forma mais agravada, no conflito atual.

⁹ <http://www.afrik.com/article5773.html>



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

Juntamente com a França e a Rússia, a Alemanha se opõe à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos, defendendo que o desarmamento das armas nucleares no território iraquiano deve ser efetuado de maneira pacífica, de tal forma a manter todos os canais diplomáticos possíveis. A posição alemã contra a invasão vem sendo fortemente apoiado pela população, que creem que os Estados Unidos são, de certa forma, um mal exemplo para o povo alemão.

O posicionamento pacifista vem sendo paulatinamente endossado pelo Primeiro Ministro Alemão, que também deixou claro seu posicionamento perante a ONU antes que exista qualquer posicionamento oficial vindo dos países investigadores. No que concerne a uma intervenção militarizada no Iraque, a Alemanha defende que deve-se esperar até o final da investigação para que alguma ação mais incisiva seja tomada pela OTAN.

II.10. República Islâmica do Paquistão

Graças a um contexto histórico existente entre o Paquistão e os Estados Unidos, que teve início com as sanções aplicadas pelos Norte-Americanos com a derrubada do Primeiro Ministro Nawaz Sharif, no início do conflito atual, o Paquistão apoiou os Estados Unidos, a fim de determinar um fim nas sanções que eram impostas sobre tal país. Mas, em 2001, o Paquistão afastou-se de tal endossamento por motivos de políticas internas, assim como conflitos que ocorriam no território.

Antes da guerra, o Governo Paquistânês apoiava a ideia de que a ação militar deveria ser inevitável, porém, pouco tempo depois, o Governo declarou que seria de extrema dificuldade que o o Paquistão apoiasse uma guerra contra o Iraque. É importante que se observem dois pontos: a pressão da Comunidade Internacional e os conflitos internos dentro do Paquistão.

Já que o Paquistão está fazendo parte dos países rotativos do Conselho de Segurança, espera-se que ele dê o apoio aos Estados Unidos, levando em consideração o histórico de cooperação entre os dois, e também que três membros permanentes, com poder de veto, de posicionam veementemente contrários ao posicionamento norte americano. De outro lado, a



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

população paquistanesa não apoia que o país seja a favor das políticas norte-americanas contra o Iraque, o que está causando mobilizações populares dentro do território.

III. Membros observadores:

III.1. Reino da Arábia Saudita

O governo da Arábia Saudita tendeu a adotar uma posição de neutralidade no início do conflito, contudo recentemente vem apoiando as ações estadunidenses. Após a invasão do Kuwait pelo Iraque de Saddam Hussein, em agosto de 1990, o rei Fahd tomou a histórica decisão de autorizar a presença das forças norte-americanas na Arábia Saudita, estabelecendo uma aliança militar com Washington, ação que foi vista com reprovação pelos fundamentalistas presentes no país.

III.2. Reino Haxemita da Jordânia

Durante décadas, a Jordânia foi liderada pelo Rei Hussein, que firmou a paz com Israel pouco antes de morrer. Após seu falecimento, seu filho Abdula II se tornou o novo monarca do país.

A Jordânia encontra-se numa difícil situação geográfica: como está localizada entre Israel e Iraque, o rei Abdulla II temia que a violência contínua no estado judeu pudesse causar uma migração palestina para a Jordânia e que um ataque dos Estados Unidos contra o Iraque pudesse causar "imensa instabilidade" na região.

Durante a Guerra do Golfo, a Jordânia não apoiou o Iraque, mas, diferentemente da maioria dos regimes árabes, também não o condenou. Apesar de o rei Hussein ter sido um aliado dos Estados Unidos e um querido amigo de Israel, percebeu que a maior parte de seu povo apoiava Saddam Hussein. Este mesmo sentimento pode ressurgir e servir de alimento político para fundamentalistas islâmicos na Jordânia caso os Estados Unidos voltem a atacar o Iraque.



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

III.3. República da Turquia

Os problemas decorrentes das guerras, embargos e conflitos internos no Iraque são capazes de afetar mais a Turquia do que qualquer outro país na região. Desta forma, a manutenção da estabilidade no Iraque, que é um microcosmo do Oriente Médio, tem estado entre as prioridades da política externa turca. Porém, a presença da organização terrorista PKK no norte do Iraque, de onde lança frequentes ataques contra a Turquia, constitui um sério obstáculo nessas relações.

Além disso, sua posição como país mais ocidentalizado da região e membro efetivo da OTAN tornam as relações exteriores turcas ainda mais complexas. Aeronaves americanas e britânicas operam centenas de missões da base Incirlik, no sudeste turco, para vigiar a zona de exclusão aérea sobre o Iraque. Outrossim, o governo estadunidense pressiona a Turquia pela autorização de acesso ao seu espaço aéreo.

O governo turco tem sido cuidadoso, por um lado, por causa do profundo descontentamento que o conflito no Iraque desperta na população e, por outro, em função das vantagens que a boa-vontade americana poderia trazer ao país.

Por fim, a questão dos curdos é de enorme interesse para a Turquia, uma vez que ações militares empreendidas sobre esse grupo já foram apoiadas pelo país e direcionam o seu posicionamento quanto a uma possível invasão na área, como toda a questão relativa a operação Anfal.

III.4. República do Iraque

O Iraque mantém a defesa de sua posição de que todas as armas biológicas, químicas e nucleares e que todos os mísseis foram devidamente destruídos, fato, por diversas vezes, confirmado por inspeções das Nações Unidas, desde 1996, após a morte do maior desertor iraquiano



IV SIMULAÇÃO PARAIBANA DE ENSINO MÉDIO

Hussein Kamel al-Majid, que era genro do próprio Saddam Hussein¹⁰. Essa alegação teria sido confirmada, em janeiro de 2003, por inspetores de armas da ONU, os quais reportaram não terem encontrado quaisquer indicações da posse iraquiana sobre armas nucleares ou sobre respectivos programas ativos.

Entretanto, a Comissão Especial das Nações Unidas¹¹ teria apresentado relatórios anteriores indicando que 600 toneladas de agentes químicos - incluindo gás de mostarda, VX e GB -, 25000 foguetes e 15000 projéteis haviam sido produzidos pelo país, mas ainda não haviam sido contabilizados na destruição de armamento.

III.5. República Italiana

A Itália, durante o conflito atual, decidiu pelas medidas intervencionistas adotadas pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha. O Primeiro-Ministro Italiano concorda com o Secretário de Defesa Norte-Americano, Donald Rumsfeld. O Secretário de Estado italiano também afirmou que compreendia quais seriam as consequências caso uma futura guerra contra o Iraque fosse iniciada, mas era mais favorável para os favoráveis ao ataque que tal guerra fosse iniciada o quanto antes.

Em caso de uma intervenção, a República Italiana prontificou-se a fornecer inteligência logística e bases militares para as tropas que marcharão contra o Iraque, mostrando para a comunidade internacional o seu posicionamento contra as ações que estão sendo tomadas pelo Iraque.

¹⁰

https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1996/02/24/iraqi-defectors-killed-on-return-to-baghdad/d49fc14b-e415-42f7-8c61-dc64f548d7f5/?utm_term=.11355a52d5d2

¹¹ <http://www.un.org/Depts/unscom/>